

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**REVISITAR OS GRANDES GÊNEROS: A GUERRA NO CINEMA**  
**PARTE II – OUTRAS VISTAS DO CAMPO DE BATALHA**  
**10 e 15 de Maio de 2015**

**THE SILENT VILLAGE / 1943**

*um filme de Humphrey Jennings*

Realização: Humphrey Jennings / Música: Becket Williams / Som: Ken Cameron e Jock May / Montagem: Stewart McAllister / Com os habitantes da aldeia de Cwmgiedd, no País de Gales.

Produção: Crown Film Unit, com patrocínio do Ministério Checoslovaco dos Negócios Estrangeiros (no exílio), do Ministério da Informação do Reino Unido, e da Federação dos Mineiros do Sul de Gales / Cópia: 35mm, preto e branco, legendado electronicamente em português / Duração: 36 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

**FIRES WERE STARTED ou I WAS A FIREMAN / 1943**

*um filme de Humphrey Jennings*

Realização e Argumento: Humphrey Jennings / Direcção de Fotografia: C.M. Pennington-Richards / Música: William Alwyn / Som: Jock May / Montagem: Stewart McAllister / Interpretação: Philip Dickson (Walters), George Gravett (Dykes), Fred Griffiths (Johnny Daniels), Johnny Houghton (Jackson), Loris Rey (Rumbold), William Sansom (bombeiro que toca piano), etc.

Produção: Crown Film Unit, com patrocínio do Ministério da Informação do Reino Unido / Cópia: 35mm, preto e branco, legendado electronicamente em português / Duração: 74 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

\*\*\*

NOTA: Embora o título **Fires Were Started** tenha sido o que mais se celebrou, esse filme começou por se chamar, na primeira montagem apresentada por Jennings, **I Was a Fireman**. A duração dessa primeira versão era de 74 minutos, que o autor depois remontou, para uma versão ligeiramente encurtada (65 minutos) a que chamou **Fires Were Started**. A cópia em 35mm que nos chegou corresponde à primeira versão, com 74 minutos e o título **I Was a Fireman**. Em rigor absoluto são dois filmes diferentes, mas a substância deles permite igualmente considera-los apenas como duas versões do mesmo filme. E a versão que vamos ver, **I Was a Fireman**, é portanto a “versão longa” de **Fires Were Started**. Fica a nota explicativa, que justifica também a razão por que, no cabeçalho, decidimos incluir os dois títulos.

\*\*\*

Humphrey Jennings (1907-1950) foi um dos mais importantes cineastas do movimento documentarista britânico, que durante a primeira metade do século, “grosso modo” entre os anos 20 e os anos 50, praticamente moldou um dos eixos mais fortes daquilo que hoje vemos como a tradição do cinema documental (deixando também marcas na superfície do cinema britânico, mesmo no de ficção, mormente na sua propensão, quase “emblemática”, para o “realismo”).

A generalidade do trabalho cinematográfico de Jennings foi realizada no âmbito da GPO Film Unit, dirigida por John Grierson, e na Crown Film Unit, espécie de “sucessora” da GPO para o tempo da II Guerra, em dependência do Ministério da Informação do governo britânico. Os mais célebres trabalhos de Jennings foram feitos durante este período da II Guerra: **Listen to Britain**, **London Can Take It!**, **A Diary for Timothy**, obras que tanto participavam de uma intenção propagandística como fugiam (e praticamente as reinventavam) das retóricas convencionalmente esperadas de tal intenção – não deixando, à evidência, de cumprir exemplarmente o seu papel enquanto peça de um “esforço de

guerra” colectivo (Churchill, que disse que Mrs Miniver valia “tanto como um bombardeiro”, sabia bem a importância do cinema na dimensão psicológica desse esforço).

E para além desses títulos citados no parágrafo acima, também, evidentemente, os dois filmes que nos ocupam nesta sessão. **The Silent Village**, objecto singularíssimo, de uma singularidade que vale mesmo para além da obra de Jennings, visto que o tipo de exercício que propõe, se depois se tornou mais comum, configurava em 1943 algum ineditismo (e foi muito possivelmente uma inspiração para o **It Happened Here** de Kevin Brownlow e Andrew Mollo, que também vamos ver neste ciclo). Jennings transcende aqui as categorias tradicionais de documentário e ficção. O filme é uma reconstituição dos tristemente célebres acontecimentos na aldeia checa de Lidice, quando uma população inteira foi dizimada depois de se ter recusado a denunciar o autor do atentado que matou o “reichsprotektor” Reinhard Heydrich (acontecimentos que directamente inspiraram dois grandes filmes feitos por alemães em Hollywood, o **Hangmen Also Die** de Fritz Lang e o **Hitler’s Madman** de Douglas Sirk, ambos estreados no mesmo ano, 1943, em que Jennings apresentou **The Silent Village**). Mas Jennings reconstitui a história numa pequena aldeia mineira do País de Gales, com os seus habitantes como protagonistas – fazendo de **The Silent Village** pelo menos três coisas ao mesmo tempo: uma reconstituição da história de Lidice; um exercício de “história alternativa”, imaginando uma ocupação militar nazi da Grã-Bretanha (algo que, em 1943, e fora algum golpe de teatro, era uma possibilidade já consideravelmente remota); e um documento, “etnográfico” diríamos, sobre aquela aldeia (Cwmgiedd) em particular. Entre tudo o que o filme tem de notável, chamaríamos a atenção para a verdadeiramente extraordinária encenação “incorpórea” do nazismo: apenas uma voz, que tanto vem da telefonia (uma telefonia que quase jurávamos que Jennings foi buscar a Lang) como dos altifalantes montados nos carros de combate alemães, enquadrados em planos de ângulo surpreendentes, em absoluto e desumano contraste com a história de humanidade acossada que essa mesma voz desencadeia.

**Fires were Started** (ou **I Was a Fireman**: ver nota no começo do texto), por seu turno, não propõe nada de “alternativo”, apenas um retrato da realidade que era a de Londres e de outras grandes cidades britânicas durante o “Blitz”, o período em que a “visita” dos bombardeiros alemães tinha uma regularidade quase diária. Jennings filmou isso a partir de um ponto de vista específico, o dos bombeiros do National Fire Service, a quem competia a dura tarefa de acorrer a todos os focos de incêndios “started” pelo rasto mortífero da aviação alemã. Para usar jargão contemporâneo, é uma “docu-ficção”: tudo o que vemos é reconstituído e encenado para a câmara, mas todos os actores são autênticos membros do corpo de bombeiros e o que eles “reconstituem” perante Jennings é o essencial da sua actividade quotidiana durante aqueles tempos. Solene sem ser grandiloquente, é como todos os filmes de Jennings feitos durante a guerra uma espécie de canto *sotto voce* do espírito de sacrifício britânico, do “stiff upper lip” temperado com uma certa “nonchalance” (a cena em que os bombeiros tocam piano e cantam para abafar o ruído dos aviões ou das bombas a cair, sabendo que muito em breve serão chamados à acção) que no entanto não falha quando lhe é exigida uma entrega total – e entrega total, incluindo entrega da própria vida, é o que espera a personagem cujo percurso a câmara de Jennings mais de perto segue (no que é também aquilo em que o filme mais descola para o lado da ficção, mas da ficção “exemplar”: aquele bombeiro, especificamente, não morreu, mas é como se representasse todos os outros bombeiros que morreram no cumprimento daquele duríssimo dever). É notável a forma como Jennings retarda o aparecimento das situações de guerra, desenhando durante boa parte do filme uma espécie de mapa da organização do National Fire Service, das ruas e do quotidiano londrino, do trabalho e também do lazer. É um retrato em extensão, pormenorizado, que antecipa a portentosa sequência final, a irrupção do dramatismo mas ainda e sempre com esse sentido de extensão (os pormenores do trabalho dos bombeiros, a forma como a montagem restitui minuciosamente as suas acções, de uma maneira sempre inteligível para o espectador, que nunca é posto apenas perante um espectáculo de pirotecnia). O lirismo de que Jennings imbuía os seus filmes talvez tenha aqui o seu ponto alto – naqueles planos, muitas vezes “vazios”, de aspectos das ruas de Londres (também se pode dizer que o filme é um poderosíssimo retrato de Londres durante a guerra), no tratamento do tempo, no uso do som, instala-se um ambiente que está sempre à beira da melancolia mas que nunca mergulha nela. Porque “fires were started” e é preciso ir ao encontro deles.

Luís Miguel Oliveira